

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 22, ano 2025 | ISSN: 2675-5432

A teoria como força política e cultural: a práxis de Florestan Fernandes

Miguel Yoshida

Formado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre e doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. É editor-assistente da Editora Expressão Popular e coordenador do escritório Brasil do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6624-628X>.



Recebido em: 07/07/2025
Aprovado em: 05/08/2025
Publicado em: 29/09/2025

A teoria como força política e cultural: a práxis de Florestan Fernandes

Miguel Yoshida¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo realizar um recorrido histórico sobre alguns aspectos da trajetória de vida de Florestan Fernandes e sua produção intelectual, estabelecendo paralelos com o desenvolvimento da sua práxis. Trata-se de um estudo teórico bibliográfico, cuja metodologia consistiu na consulta às suas próprias obras e autores que escreveram sobre este sociólogo brasileiro. Buscou-se traçar algumas reflexões em torno da tarefa militante que ele se colocou em sua vida: a construção teórica na constituição da chamada sociologia crítica e militante (Ianni, 2004) e na promoção de uma pedagogia socialista (Netto, 2004). Os resultados alcançados evidenciam que Florestan Fernandes, além de manter-se fiel às suas origens de classes, contribuiu imensamente para a formulação do pensamento sociológico brasileiro em vista da superação das desigualdades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Força Política; Trajetória Intelectual; Sociologia crítica; Práxis.

¹ Formado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mestre e doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. É editor-assistente da Editora Expressão Popular e coordenador do escritório Brasil do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6624-628X>.

Abstract

This article seeks to provide a historical overview of some aspects of Florestan Fernandes' life trajectory and his intellectual production, establishing parallels between the development of his praxis. This is a theoretical bibliographic study, whose methodology consisted in consulting his own works and authors who wrote about this Brazilian sociologist. It sought to outline some reflections around the militant task that he set himself in his life: the theoretical construction in the constitution of the so-called militant and critic sociology (Ianni, 2004) and in the promotion of one socialist pedagogy (Netto, 2004). The results achieved show that Florestan Fernandes more than remaining faithful to his class origins, contributed vastly to the formulation of the Brazilian sociological thought considering the overcoming of social inequalities.

KEYWORDS: Political force; intellectual trajectory; Critical Sociology; Praxis.

O que devemos fazer não é lutar pelo povo. As nossas tarefas intelectuais possuem outro calibre: devemos colocar-nos a serviço do povo brasileiro, para que ele adquira, com a maior rapidez e profundidade possíveis, a consciência de si próprio e possa desencadear, por sua conta, a revolução nacional que instaure no Brasil uma ordem social democrática e um Estado fundado na dominação efetiva da maioria.

Florestan Fernandes

Introdução

Em 2020 celebrou-se o centenário de Florestan Fernandes (1920-1995) um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX, amplamente reconhecido no mundo universitário por sua atuação como professor de sociologia na Universidade de São Paulo (USP), por sua

vasta obra e, sobretudo, por ter consolidado essa disciplina como um sistema de saber e de pensar, no Brasil (Ianni, 2004).

Florestan dedicou boa parte de sua vida intelectual a pensar o Brasil e, a partir de determinado momento, assumiu para si o desafio proposto por Karl Marx (1845) em sua Tese 11 sobre Feuerbach: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (Marx & Engels, 2009, p. 99). Assim, ele passou a formular uma interpretação sobre a realidade brasileira com o objetivo de contribuir com a formação da consciência revolucionária da classe trabalhadora para a construção de uma revolução socialista.

Florestan Fernandes nasceu na cidade de São Paulo, em 22 de julho de 1920. Filho de Maria Fernandes que chega, ainda menina, com sua família vinda da zona rural do Minho, Norte de Portugal, ao interior do estado de São Paulo para o trabalho nas lavouras de café (Fernandes, 2009). Mais adiante, em um segundo movimento de migração, Maria muda-se para a capital paulista, ocupando-se como empregada doméstica. Segundo Laurez Cerqueira (2005, p. 11), “Florestan nasce de uma paixão por um moço que também prestava serviço em uma das casas onde trabalhou”;² grávida, ela deixa seu emprego e passa a trabalhar como lavadeira para a família Bresser, baluarte da elite paulistana ligada à recente e nascente industrialização da cidade.

A história coerente “desde baixo” de Florestan começa com a mãe. Havia outros trabalhadores domésticos na casa dos Bresser, entre os quais Florestan, o motorista

² Florestan nunca conheceu seu pai que se chamava “Giuliano (ou Julian) Solia, cujo nome Florestan só veio a conhecer nos últimos anos de sua vida (Maria sempre se recusou a dizer-lhe o nome do pai, que só foi confiado à mulher de Florestan, Myriam Rodrigues, após muita insistência. Myriam o revelou a Florestan, que, ao que se sabe, não quis saber mais detalhes sobre ele, mas guardou seu nome num papel que foi encontrado na carteira do sociólogo após a sua morte” (Sereza, 2005, p. 27-28).

da família que a ajudou em alguns momentos de dificuldade durante a gravidez. Não poucas vezes, ele dividia com ela o parco café da manhã a que tinham direito na casa (Sereza, 2005, p. 28); criou-se assim um estreito laço de amizade entre os dois. É em homenagem a esta amizade, fruto da solidariedade, que Maria escolherá o nome de Florestan para o seu filho.

Esse período em que vive na casa dos patrões deu a Florestan a possibilidade de conviver em um ambiente culto no qual se falava francês, tocava-se piano, liam-se livros, hábitos que se configuravam como privilégios das classes dominantes brasileiras. Foi aí também que teve os primeiros contatos com a leitura, por meio da revista *Tico-tico*, leitura que “o levou a lugares de sua imaginação ainda não visitados” (Cerqueira, 2005, p. 13). É ainda por conta de sua madrinha que ele se inicia nos estudos escolares aos 6 anos de idade quando volta a morar na casa dos Bresser e frequenta uma pequena escola primária. Segundo o próprio Florestan: “[...] fiquei com um padrão de curiosidade intelectual que foi alimentado pela família Bresser” (Fernandes, 1980).

Tal qual ocorria nas relações de trabalho, os aspectos senhoriais da dominação também estavam presentes naquela relação desigual. A posição de Hermínia Bresser de Lima, madrinha de Florestan, em torno da escolha de seu nome é uma expressão disso. Maria quis homenagear o seu amigo ao pôr o nome dele em seu filho. No entanto, no momento do batismo, sua patroa não aceitou a escolha e disse que o menino deveria chamar-se Vicente e não Florestan, pois este último não era apropriado para o filho de uma lavadeira.

Devemos lembrar, e talvez a mãe nem soubesse, que Florestan é o nome do personagem principal de *Fidélío*, a única ópera escrita pelo compositor alemão Ludwig von Beethoven (1770-1827); um nome de origem tão nobre “era extravagante demais para um menino pobre [...]” (Sacchetta, 2004, p. 10). Essa postura representa a expressão do traço senhorial da dominação, no

qual a cultura letrada e erudita é um privilégio de classe historicamente negado aos trabalhadores. Essa contradição entre Vicente e Florestan marcará a sua vida e é lembrada por ele quando diz: “O Vicente que eu fora estava finalmente morrendo e nascia em seu lugar, de forma assustadora para mim, o Florestan que eu iria a ser” (Fernandes, 1994, p. 130).

De outro modo, a dominação senhorial também se expressa quando Hermínia Bresser, vendo as dificuldades econômicas pelas quais a lavadeira e seu filho passavam, pede que Maria lhe dê Vicente, pois ela poderia educá-lo apropriadamente. A resposta foi imediata; olhando diretamente nos olhos de Hermínia, Maria diz: “não se dá filhos, o que se dá são cães” (Fernandes, 1980). Apesar desses conflitos, não há uma ruptura na relação com a madrinha com quem Florestan se encontraria com alguma frequência ao longo de sua infância. Essa experiência precoce no mundo adulto foi marcante para sua vida intelectual, segundo o próprio Florestan Fernandes (1994, p. 123):

Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi através das duras lições da vida [...] ainda que isso pareça pouco ortodoxo e anti-intelectualista, afirmo que iniciei a minha aprendizagem sociológica aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto.

Diante dessa realidade e das dificuldades a serem enfrentadas por uma mulher e uma criança, na cidade de São Paulo, Florestan passa a realizar alguns pequenos serviços para ajudar no sustento da casa como limpar as costas dos fregueses de uma barbearia no centro de São Paulo; carregador de sacolas em feiras livres; engraxate, entre outros. Aos 9 anos de idade precisa interromper os estudos formais, pois, com o padrasto doente, passa a ser a principal fonte de renda da casa. Apesar de não voltar a frequentar a escola até os 17 anos, Florestan nunca interrompeu sua aprendizagem, incentivado não só pela

curiosidade intelectual desenvolvida quando vivia com a família Bresser, mas também por influência de um dos namorados de sua mãe, que tinha muitos livros e que sempre o motivou a estudar (Sereza, 2005).

A partir dessa identidade com “os de baixo”, tendo como eixo articulador a origem de classe, a coerência militante, o esforço pessoal e a responsabilidade intelectual, este artigo tem por objetivo realizar um recorrido histórico sobre alguns aspectos da trajetória de vida de Florestan Fernandes e sua produção intelectual, estabelecendo paralelos importantes com o desenvolvimento da sua práxis.

1 A trajetória intelectual e a sociologia crítica e militante

As primeiras décadas do século XX foram marcadas, no Brasil, por intensas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. Nesse período, a cidade de São Paulo passa por uma intensa industrialização e urbanização decorrentes, principalmente, da produção e exportação do café, que se constituía como uma das principais atividades econômicas do Brasil desde meados do século XIX (Prado Júnior., 2011). Os antecedentes desse processo de transformação do país – a abolição formal da escravidão em 1888 e o fim do império com a Proclamação da República em 1889 – trazem mudanças na constituição das classes sociais no Brasil.

Em sua análise do processo da revolução burguesa no Brasil, Florestan Fernandes destaca o fato de não haver uma ruptura no padrão de dominação de classe. Apesar das transformações pelas quais passam as classes dominantes ao longo da história – incluindo disputas e conflitos entre essas classes e setores delas – há traços dessa dominação que se mantêm, até hoje inclusive, remontando à nossa herança escravista. Essa última, por exemplo, pode ser vista na relação estabelecida entre a família Bresser e Maria Fernandes.

Aos 17 anos, Florestan decide retomar os estudos formais no curso de madureza. Nessa época, ele trabalhava como copeiro no bar Bidu, onde além de cozinhar e servir os clientes, também participava de algumas conversas destes sobre temas diversos como “campanha das tropas francesas na Espanha, a história de Roma etc.” (Fernandes, 1980); quando não estava nem servindo, nem cozinhando, estava sempre lendo um livro atrás do balcão. Esse comportamento chamou muito a atenção de um dos frequentadores do bar, o Manoel Lopes de Oliveira Neto, que diante do interesse e da dedicação de Florestan, se dispôs a ajudá-lo. Maneco, como era chamado, um dos diretores da empresa Novoterápica lhe arranhou um emprego como entregador de amostras. Essa decisão de retomar os estudos, no entanto, não foi bem recebida por sua mãe:

Chegando em casa, animado, foi logo dizendo a Dona Maria que tinha decidido estudar. Esperava que ela recebesse a notícia com alvissaras, mas a reação foi contrária. Com os olhos marejados, disse a ele que não concordava com sua decisão porque tinha medo de ser abandonada, caso fizesse carreira. Achava que os estudos o deixariam vaidoso e, quando frequentasse o meio das pessoas cultas, teria vergonha dela, por ser analfabeta (Cerqueira, 2005, p. 27).

Apesar disso, trabalhando agora em melhores condições, ele seguiu em frente, finalizou o curso de madureza e estava pronto para tentar ingressar nos estudos de nível superior. Dentre as carreiras universitárias a que mais lhe interessava era a de engenharia química. No entanto, as aulas eram em período integral, logo, impossível para Florestan que tinha de trabalhar para garantir o seu sustento e o de sua mãe. Ele escolhe, então, o curso de Ciências Sociais.

Olhando para o contexto histórico brasileiro da época, décadas de 1930-1940, é importante lembrar que o país passava por grandes transformações econômicas, políticas e sociais. No terreno da política, as oligarquias

sulistas haviam derrotado os paulistas levando Getúlio Vargas à presidência, este, em 1937, instaura a ditadura do Estado Novo. Para Florestan, está em processo a consolidação do capitalismo competitivo e dependente cujos ritmos e direcionamentos são comandados pelos centros imperialistas. No plano interno, decorrente das transformações iniciadas em fins do século XIX com a abolição da escravidão e a proclamação da república, que marcam a transição da “era senhorial (ou o antigo regime)” para a “era burguesa (ou a *sociedade de classes*)” (Fernandes, 2006, p. 239), opera-se a consolidação de uma dominação burguesa cuja especificidade é o não rompimento com as antigas classes dominantes, mas sim um arranjo ou adaptação entre a burguesia emergente, com uma “modernização” de setores das oligarquias agrárias que se incorporam no poder burguês. O horizonte cultural oligárquico, de “preocupações particularistas e de um entranhado conservantismo sociocultural e político” (Fernandes, 2006, p. 241), é o parâmetro deste poder.

A revolução de 1930 e os conflitos entre as oligarquias paulista e gaúcha são expressões desse processo. Interessa-nos, aqui, justamente as resoluções daquelas que após duas derrotas nas armas e na política – em 1930 e 1932 – decidem mudar sua tática e investir na formação de quadros intelectuais para seguir como classe dominante. A fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras e da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, faz parte desse novo projeto, incorporando elementos “modernos” que procuravam se contrapor, em alguma medida, aos antigos.³ Tal digressão se faz importante para

³ Segundo Heloisa Fernandes (2009, p. 33-34), “A universidade faz parte de um complexo contexto social e político marcado pela crise da oligarquia cafeeira paulista, pela intensa urbanização da cidade e pela industrialização crescente. É nesse contexto que um projeto liberal assumido por uma fração da elite dominante começa a construir uma hegemonia intelectual e moral marcada pela defesa da ciência, de uma certa democratização do ensino, e da universidade [...]”.

compreendermos o mundo no qual Florestan estava se inserindo, um ambiente que lhe era estranho.

Em 1941, presta o exame de seleção no recém-criado (1934) curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. Nesse ano são abertas 30 vagas para as quais se inscrevem 29 candidatos. No entanto, apenas seis são aprovados, entre os quais Florestan Fernandes. Um fato curioso é que a maior parte dos professores dessa faculdade, à época, eram estrangeiros, sobretudo franceses, e a prova oral do exame de ingresso deveria ser realizada na língua nativa dos professores. Segundo Sereza (2005), a questão que lhe foi colocada era em torno do livro *Da divisão social do trabalho social*, de Émile Durkheim, texto que Florestan conhecia bem, ou seja, o conteúdo da prova não seria um problema. No entanto, ele não tinha domínio da língua a ponto de versar sobre o tema em francês. Ele “pediu que a prova fosse feita em português. Diante do impasse e depois de uma breve reunião, os professores consentiram, e Florestan pôde desenvolver seu tema, obtendo quinto lugar no exame” (Sereza, 2005, p. 59). Assim, inicia-se, formalmente, a vida intelectual de Florestan dedicada às Ciências Sociais e a pensar o Brasil, o que perduraria até o fim de sua vida.

É importante observar que se o seu ingresso em um curso superior estava relacionado, num primeiro momento, a garantir melhores condições de vida para si e para sua mãe, o desenvolvimento de seu trabalho intelectual – aliado às transformações e exigências políticas e sociais do Brasil à época – tanto na universidade quanto fora dela lhe trouxe outra perspectiva; Florestan passa a refletir sobre o papel do intelectual ou as tarefas da inteligência, nos termos de Ianni (2004), na sociedade brasileira. Outro aspecto determinante de seu trabalho intelectual é a opção política pelo socialismo, definida ainda nos anos de 1940, e sua intransigente defesa dos de baixo. Num movimento duplo, isso se deu de maneira indireta no exercício profissional da Sociologia, como professor na USP

fomentando um inconformismo intelectual para si e entre seus alunos, e na constituição desta como um sistema de saber e de pensar crítico, uma sociologia crítica e militante; e de maneira direta, por exemplo, na tradução da obra *Contribuição à crítica da Economia Política*, de K. Marx, para a editora Flama, ou em sua produção teórica a partir dos anos 1970 na qual procura ser o promotor de uma pedagogia socialista e construir uma teoria da revolução brasileira. Retornaremos a isso mais adiante.

Sua ligação com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, iniciada no ano de 1941, se encerrará no ano de 1969, quando a ditadura empresarial-militar instaura um processo de “exoneração compulsória”, leia-se expulsão, de professores que faziam oposição ao regime. Nessa instituição, ele conclui sua graduação e, em 1943, passa a trabalhar como assistente do professor Fernando de Azevedo da cadeira de Sociologia II, junto com Antonio Candido, de quem se tornaria grande amigo. Em 1953, por meio de um concurso de livre-docência, assume a cadeira de Sociologia I, ocupada até então por Roger Bastide. Como professor, organiza e dirige um grupo de alunos, sociólogos, que ficou conhecido como Escola Paulista de Sociologia (Fernandes, 2009).

No que toca ao seu desenvolvimento intelectual, é sempre importante lembrar que uma das principais características do professor Florestan Fernandes foi a dedicação e disciplina no estudo em jornadas de até 15 horas por dia (Cerqueira, 2005). Antonio Candido (2001, p. 48) relembra que:

Quando éramos jovens assistentes, saíamos da Faculdade de Filosofia, então na praça da República, e íamos pela rua 7 de abril às 6 horas da tarde. Mas enquanto eu ia pegar o ônibus cansado, ele entrava muitas vezes na Biblioteca Municipal e lá ficava até ela fechar, às onze e meia da noite [...].

Havia em Florestan “uma espécie de sede de recuperar o tempo perdido” (Candido, 2001, p. 47), por

ter-lhe sido negado o direito de estudar quando criança. Tamanha disciplina é necessária para colocar em dia as leituras e estudos que não foram realizados durante a infância e adolescência. Eu tinha que aproveitar o tempo disponível para estudar. A minha concepção de estudo era, como naquela época comumente se chamava, do ‘cu de ferro’ (Fernandes, 1980).

Ao comentar a trajetória de formação de Florestan, Antonio Candido (1987) – que a acompanhou de perto – distingue três momentos que se desenrolam ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960: construção do saber; aplicação do saber ao mundo; saber transformado em arma de combate. Um traço comum nesse percurso é o Brasil como tema de estudo, em diferentes tempos históricos e a partir de diferentes sujeitos e perspectivas. Vejamos brevemente cada um deles.

Nos anos 1940, ele “[...] acertou as contas com a informação sociológica, por meio de leitura abundantíssimas” e dedica a dominar “a bibliografia da escola sociológica francesa [...] do funcionalismo inglês e americano, além de outras correntes, como o marxismo, e de autores como Freyer e Mannheim” (Candido, 1987, p. 33-34). A pesquisa desenvolvida em seus estudos de pós-graduação, realizados na Escola Livre de Sociologia e Política, foi em torno da extinta sociedade dos Tupinambá que resultou em três trabalhos: “o mestrado, *A organização social dos tupinambá*, em 1947; o doutorado, *A função social da guerra na sociedade tupinambá*, em 1951, e a livre-docência, *Ensaio sobre o método de interpretação funcionalista na sociologia*, em 1953” (Fernandes, 2009, p. 35). Esse último é apresentado no concurso que o torna professor de Sociologia I da USP.

Outro ambiente importante para a formação de Florestan foi seu ingresso no Partido Socialista Revolucionário, pequeno agrupamento trotskista vinculado à IV Internacional, dirigido por seu dileto amigo e jornalista Hermínio

Sacchetta,⁴ engajado na luta clandestina contra o Estado Novo. Uma das suas tarefas militantes foi traduzir e preparar uma introdução para a *Contribuição à crítica da Economia Política*, de K. Marx. Nesse período de atuação orgânica em uma organização política, Florestan se via dividido entre as tarefas cotidianas da militância, parte do compromisso dos que ingressavam na organização, com a atividade acadêmica; depois de alguma hesitação, decide priorizar esta última. Octavio Ianni, um dos seus principais alunos, observa o seguinte em torno da compreensão que Florestan tinha com relação à sociologia:

A sociologia de Florestan Fernandes inaugura um novo estilo de pensar a realidade social [...] Cria um padrão de pensar a realidade social por meio do qual se torna possível reinterpretar a sociedade e a história, bem com a sociologia anterior produzida no Brasil [...] Em certa medida o estilo de pensar a realidade social pode ser um modo de iniciar a sua transformação (Ianni, 2004, p. 15-16).

Ainda segundo Ianni:

[...] toda a sua produção intelectual [de Florestan] está impregnada de um estilo de reflexão que questiona a realidade social e o pensamento [...] interrogar a dinâmica da realidade social, desvendar as tendências desta e ao mesmo tempo, discutir as interpretações prevalentes (Ianni, 2004, p. 28-29).

Esse estilo de reflexão questionadora será a marca central de seu pensamento e constituirá um dos pilares da sociologia crítica e militante; comparece não apenas em seus trabalhos acadêmicos de pesquisa, mas em toda sua

⁴ “Foi Hermínio Sacchetta quem publicou seu primeiro artigo no jornal *Folha da manhã*, em 1º de julho de 1943, sob o título “Livros que valem”. A partir desse momento, Florestan agregou à sua carreira acadêmica a função de intelectual publicista, com presença marcante no debate das questões políticas, sociais e culturais” (Cerqueira, 2005, p. 43).

atividade intelectual como os artigos de jornais, conferências, debates públicos etc. (Ianni, 2004). Isso também se expressa em sua prática por meio do que Florestan chamava de desobediência civil. Se ele deixou em segundo plano a militância político-partidária, de modo algum abandonou o seu compromisso com os de baixo ou se absteve de se posicionar publicamente em torno de questões importantes para o povo brasileiro. Recordemos, por exemplo, sua ativa participação na campanha em defesa da educação pública nos anos 1950 e sua franca oposição à ditadura empresarial-militar desde 1964.

Na década de 1950, Florestan aprofunda os estudos de autores como Max Weber, Parsons, Merton entre outros (Candido, 1987). Ele já é “o sociólogo de grande formação teórica e o intelectual de grande consciência política [...]” (Candido, 1987, p. 34), que corresponderia, de acordo com Antonio Candido, à aplicação do saber ao mundo. A sua pesquisa volta-se à questão do negro, em um projeto de pesquisa sobre as relações raciais entre brancos e negros na cidade de São Paulo, encabeçado por seu professor Roger Bastide e com um parco financiamento da Unesco. Florestan se detém, então, não mais sobre algo remoto como a sociedade Tupinambá, mas sobre uma dinâmica social de preconceitos e espoliações presente naqueles dias – e até hoje – que remontava às origens escravocratas e marcava diretamente a sociedade brasileira.

A relevância do trabalho desenvolvido por ele e por Bastide não se restringiu ao resultado da pesquisa que demonstrou a prevalência do preconceito contra negros – e não uma democracia racial – e sua ligação com a escravidão, em vez de confirmar a hipótese da Unesco de uma suposta “[...] convivência mais harmônica e menos racista e violenta entre negros e brancos” (Sereza, 2005, p. 99). Tal pesquisa operou também uma mudança no método utilizado que analisava a questão racial em suas diversas facetas: econômica, cultural, política, ideológica e histórica. Além disso, propiciou ao jovem sociólogo e ao professor francês os primeiros contatos com alguns membros da

Frente Negra Brasileira (1931-1937) com quem coletavam informações e debatiam os temas da pesquisa em comissões com encontros regulares dentro da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras (Costa, 2019) e em uma associação cultural negra na cidade de São Paulo, ou seja, operava-se uma mudança também na perspectiva a partir da qual o problema era percebido, pois os negros eram também sujeitos do processo de pesquisa. Florestan tomava contato, então, com a problemática do negro em uma sociedade com raízes escravistas a partir da perspectiva de sujeitos engajados nas lutas por direitos para o povo negro, como era o caso da FNB. Esse trabalho contribui para a sua compreensão com relação ao processo histórico brasileiro (Sereza, 2005, p. 103) e abre caminhos que seriam desenvolvidos posteriormente, principalmente seus estudos sobre o capitalismo dependente brasileiro. Diz Florestan em *A condição de sociólogo*:

Através do índio, ficara conhecendo o Brasil dos séculos XVI e XVII; através do negro teria de estudar relativamente a fundo o Brasil dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Pus o pensamento sociológico no âmago da sociedade 'colonial', 'imperial' e 'republicana', o que representou uma enorme vantagem em termos de aprendizagem ou de possibilidades de lidar comparativa e historicamente com os problemas de estratificação social e de evoluções de estruturas sociais (Fernandes, *apud* Sereza, 2005, p. 104)

Podemos perceber como as bases dessa Sociologia crítica e militante são estabelecidas por um lado no confronto teórico com a realidade,⁵ por outro na grande formação sociológica que ele acumulara. Para Ianni (2004, p. 29):

⁵ Ainda com relação à pesquisa sobre as relações raciais, diz Florestan: "Estabeleceu-se uma base de identificação psicológica profunda, em parte por causa do meu passado, em parte por causa da minha experiência socialista prévia, em parte graças à origem que tenho [...] condições sem as quais provavelmente tudo isso não apareceria e eu seria o típico sociólogo profissional 'neutro', 'seco' e 'impecável' (Fernandes, *apud* Sereza, 2005, p. 104).

Ao submeter o real e o pensado à reflexão crítica, descortina as diversidades, desigualdades e antagonismos, apanhando as diferentes perspectivas dos grupos e classes compreendidos pela situação. Nesse percurso, resgata o movimento do real e do pensado a partir dos grupos e classes que compõem a maioria do povo [...] As mais notáveis propostas teóricas da sociologia são avaliadas, questionadas e recriadas, tendo em conta a compreensão das suas contribuições para apanhar os andamentos da realidade social.

Com isso, ele concebe a Sociologia como um sistema de saber e de pensar no qual para conseguir analisar as contradições da realidade, ele “retira e desenvolve o conteúdo crítico da sociologia clássica e moderna” (Ianni, 2004, p. 30), se vale desses clássicos sem se deter aos limites internos de suas teorias. Além disso, as contradições de classe postas pelo desenvolvimento de uma sociedade de classes numa perspectiva dependente e extremamente desigual colocaram novos desafios também para o trabalho sociológico, “[...] ‘precisou adaptar suas técnicas de observação, de análise e de explicação a um padrão de objetividade que incorporasse a negação’ da ordem social” (Ianni, 2004, p. 31). Apesar de a teoria de Marx ser apresentada “indiferenciadamente ao lado de Durkheim, Weber, Mannheim *et alii*”, como nota José Paulo Netto (2004, p. 205), ela está presente: a “imaginação sociológica, enriquecida pela dialética” (Ianni, 2004, p. 32) contribui para captar as contradições da realidade social.

Esse movimento de ideias se realiza no bojo do que Gabriel Cohn (1987) chamou de um “ecletismo bem temperado”. A reflexão sobre a realidade e o questionamento do pensar utilizará as vias ou instrumentos metodológicos mais adequados a ela, não de forma relativizadora e incoerente, mas pela construção orgânica suscitada a partir da própria pesquisa.

Ainda segundo Octavio Ianni (2004), a sociologia de Florestan é síntese de cinco fontes: a sociologia clássica e moderna; o pensamento marxista; a corrente mais

crítica do pensamento brasileiro; os desafios da época; os grupos e classes sociais que compõem a maioria do povo – a perspectiva deles é incorporada na história e na análise possibilitando a construção de um pensamento com um horizonte mais amplo, além da ordem estabelecida.

2 O pedagogo da revolução

Antes de seguir o percurso de Florestan após sua expulsão da USP, é necessário um breve olhar para sua atuação dentro da universidade. Seu trabalho, desde que se tornara professor em 1953, compreendia a pesquisa, a docência e a organização de um grupo de sociólogos alunos seus, que ficou posteriormente conhecido como Escola Paulista de Sociologia, e incluía nomes Heleieth Saffioti, Marialice Foracci, Maria Sílvia Carvalho Franco, Octavio Ianni, Paul Singer, Fernando Henrique Cardoso entre outros, e do Centro de Sociologia Industrial (Cesit). Um dos aspectos inegociáveis para Florestan com relação às pesquisas era o da autonomia na produção do conhecimento, por conta disso nunca aceitou financiamento de fundações estrangeiras para o centro de pesquisa (cf. Cerqueira, 2005). Esse grupo é parte da consolidação do seu projeto de uma sociologia crítica e militante empenhada em compreender o Brasil a partir de uma compreensão também histórica, buscando desvendar a estrutura e a dinâmica do desenvolvimento capitalista brasileiro.

A década de 1960 é de grande movimentação político-social no Brasil e na América Latina. Em 1959, em Cuba, o Movimento 26 de julho, capitaneado por Fidel Castro e apoiado por camponeses e setores populares urbanos e estudantis, leva a cabo uma revolução que destitui Fulgêncio Batista e inaugura um governo da maioria. Dois anos depois, em 1961, a revolução assume seu caráter socialista e surge como um alento de esperança aos povos em luta contra a dominação capitalista e como um espectro a assombrar as classes dominantes.

No Brasil, os primeiros anos dessa década são marcados pelo ascenso de um movimento de massas que abre a possibilidade de um avanço nas reivindicações populares em torno das reformas de base propostas pelo governo João Goulart, em 1964. No entanto, a burguesia brasileira, aliada e subordinada às burguesias dos países centrais do capitalismo, responde rapidamente a essa pressão de baixo com uma contrarrevolução preventiva iniciada pelo golpe de Estado de abril de 1964 inaugurando uma ditadura empresarial-militar que duraria até 1985.

Como é de se supor, Florestan não passou ileso a esse processo político, essa década marca um ponto de inflexão no seu pensamento, como veremos adiante. Para Antonio Candido (1987, p. 35):

[...] nos anos 1960 Florestan chega ao que eu chamaria os seus limites naturais: o sociólogo, o pensador e o militante unidos num só tipo de atividade, vai agora se configurar como cientista cujo ato de construção intelectual já é um ato político [...] ele transformou Sociologia em militância.

Nessa década, quase como uma decorrência do seu trabalho sobre a questão racial, dedica-se a estudar as classes sociais no Brasil e a forma de consolidação do capitalismo no país, desenvolvendo a categoria de capitalismo dependente que seria central para os seus trabalhos a partir de então. Segundo Ianni (2004, p. 39), Florestan realiza uma nova interpretação do Brasil “com base na pesquisa sobre a colonização, a escravidão e a revolução burguesa”; três eixos que se sucedem historicamente e se enlaçam contribuindo à compreensão das “condições sob as quais se forma o povo brasileiro” (Ianni, 2004, p. 39).

Nos primeiros anos de 1960, dedica-se aos desdobramentos da pesquisa sobre as relações raciais em São Paulo. Em 1964, ano em que se inicia abertamente a contrarrevolução preventiva da burguesia brasileira, Florestan conclui e defende sua tese *A integração do negro na*

sociedade de classes, atingindo o topo da carreira universitária com o cargo de professor catedrático.

Em 1966, redige as duas primeiras partes de sua obra máxima *A revolução burguesa no Brasil*, que seria retomada em 1973 e finalizada apenas em 1974. Desenvolve a partir daí a categoria do capitalismo dependente, cujas primeiras formulações aparecem em 1968 no livro *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* e será desdobrado e enriquecido em publicações posteriores como *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* e, sobretudo, na terceira parte de *A revolução burguesa no Brasil*. Com isso, Florestan procura compreender o Brasil não apenas a partir da sua relação desigual com outras nações, que é uma das faces da dominação externa, mas também considerando a dinâmica interna de dominação de classes na qual a forma de exploração implementada pelos setores hegemônicos da burguesia aqui, que produz uma “sobreapropriação e sobreexpropriação capitalistas” (Cardoso, s/d, p. 3), é contraparte da subordinação externa, operando assim numa lógica de dominação interna-externa conjugada. À pressão das burguesias imperialistas, a fração dominante nacional se adapta e cede; à pressão dos de baixo por direitos, decorrente desse padrão de sobreexpropriação, a resposta é o solapamento, num padrão de dominação autocrático, como mais tarde exploraria na terceira parte da *A revolução burguesa....* Nessa breve síntese, muito distante de expor a riqueza dessa categoria teórica desenvolvida por Florestan, é possível notar que ele não se detém apenas no aspecto econômico da questão, apesar de ele ser determinante na análise, mas analisa também os seus desdobramentos políticos e sociais, buscando ainda se lastrear nos aspectos históricos da formação social brasileira.

Se esse desenvolvimento teórico pode ser considerado, em parte, como um desdobramento quase necessário da dinâmica interna de sua pesquisa, a partir das questões com as quais ele se defronta no estudo do negro na sociedade de classes; por outro, é também motivado pela

problemática colocada a partir do movimento do real, qual seja, a lógica de dominação da burguesia brasileira que assume sua face autocrática a partir de 1964 com vistas a manter os laços de subordinação às burguesias dos grandes centros imperialistas. Na “Nota explicativa” à primeira edição de *A revolução burguesa no Brasil*, ele afirma que esta obra “[...] deveria ser uma resposta intelectual à situação política que se criara com o regime instaurado em 31 de março de 1964” (Fernandes, 2006, p. 25).

Além dessa resposta intelectual ao golpe de 1964, em sua atuação cívica e militante, Florestan transforma “sua enorme reputação como sociólogo e a cadeira que ocupava na USP numa pequena fortaleza contra a ditadura” (Soares, 1997, p. 50 *apud* Fernandes, 2009, p. 37); posiciona-se frontalmente contra a ditadura empresarial-militar desde o início e atua em sua denúncia lutando, por meio da desobediência civil, pela democracia. Participa de diversas atividades estudantis e protestos contra a ditadura, por conta do que é preso por alguns dias em 1964 e passa a ser observado de perto pelas forças do regime. Com o recrudesimento da repressão de Estado em diversas áreas, cuja expressão maior foi o Ato Institucional n. 5 (AI-5), proclamado em dezembro de 1968, Florestan e mais outros professores são cassados e compulsoriamente aposentados (leia-se expulsos) da Universidade de São Paulo no ano de 1969. Diante da ameaça que grassava sobre ele, “escolhe o exílio e aceita o convite para lecionar na Universidade de Toronto, no Canadá” (Fernandes, 2009, p. 39).

É possível perceber, pelo que vimos até aqui, uma elaboração concomitante, embora com ritmos distintos, de duas tarefas intelectuais: a constituição da Sociologia como ciência no Brasil, como um sistema de saber, que assume a primazia e centralidade de sua atividade até aqui; a elaboração de uma teoria do Brasil, que ganhará outro direcionamento e relevância após os desdobramentos do golpe de 1964. No que toca ao primeiro, um aspecto implícito em sua compreensão da universidade era

o de um espaço que comportasse o embate de ideias, a polêmica, o que implicava certo grau de autonomia universitária (cf. Netto, 2004). Assim, nessa sua atuação estava incorporada a sua opção política socialista, como ele mesmo afirma:

Eu queria ligar o trabalho na investigação na sociologia ao processo de construção de um pensamento socialista no Brasil, e isso exigia uma atividade política revolucionária que não havia. Então o que restou, para mim, foi o trabalho dentro da universidade, a partir das tensões que poderiam nos levar a um processo de renovação cultural profundo (Fernandes, 1980, p. 20).

Há um equilíbrio entre o sociólogo profissional que assumia a primazia em sua atividade e o militante socialista. A ditadura empresarial-militar, ao tolher a liberdade de pensamento e a autonomia universitária, fecha as possibilidades da manutenção do exercício da profissão, tal como Florestan a concebia. Para José Paulo Netto, a consolidação da autocracia burguesa rompe esse equilíbrio e traz uma nova principalidade para sua atuação intelectual: “a de pedagogo socialista revolucionário” (Netto, 2004, p. 207).

Entre 1964 e 1968, Florestan ultrapassa o terreno da Sociologia (nos termos da ‘ciência concreta’) e franqueia a fronteira do socialismo *revolucionário*. Deixa de ser um sociólogo: recupera para a análise da sociedade a crítica da economia política, converte-se em pedagogo da revolução. Foi a contra-revolução (burguesa) que situou Florestan no eixo da revolução (proletária) (Netto, 2004, p. 207).

Esse novo direcionamento do seu trabalho terá rebatimentos não apenas na rotação de perspectiva teórica, mas também na própria forma dos seus escritos bem como na sua intervenção política como militante. Após *A revolução burguesa no Brasil*, finalizada em 1974, a obra de Florestan assume um cunho ensaístico (Netto, 2004) distinto do da produção acadêmica anterior; é aí que estão

incluídas, por exemplo, as reflexões que desenvolverá em torno da prática e da teoria de Marx, Engels e Lenin em textos dedicados a isso ou nos prefácios e introduções que escreveu para obras desses autores.

Outra iniciativa de vulto assumida por Florestan a partir de fins dos anos 1970 foi o seu papel como “editor”, cujo objetivo era publicar e divulgar o pensamento socialista e revolucionário tanto de autores clássicos como Marx, Engels, Plekhanov, Lenin, Kautsky quanto contemporâneos como Frederic Jameson, Vania Bambirra, Octavio Ianni entre outros; tais autores foram editados na coleção “Pensamento Socialista” por ele dirigida, na editora Hucitec (Martinez, 2006). Dirige também a famosa coleção “Grandes Cientistas Sociais” composta por 60 volumes publicados pela editora Ática entre os anos de 1978-1990. Observando os títulos editados, podemos perceber a concepção de Florestan com relação a Ciências Sociais, figuram ali autores como Lenin, Trotsky, Fidel Castro, Che Guevara, Ho Chi Minh, Mao Tsé-tung, Stalin entre outros, que jamais foram considerados cientistas sociais, para Martinez (2006, p. 14):

[...] Mais do que revelar a interação entre teoria e prática, aqueles volumes da coleção destacam a exequibilidade e a viabilidade de determinado papel dos intelectuais e dos dirigentes políticos, em diferentes contextos nacionais [...] O realce é para a combinação da ‘fermentação teórica’ criativa e do ativismo político que os intelectuais encontram e podem alimentar quando inseridos em enfrentamentos sociais e políticos das classes trabalhadoras.

Parece-nos que Florestan tem como objetivo o de enriquecer o horizonte cultural brasileiro no sentido de construir um caldo de cultura mais amplo e democrático, lastreado na tradição sociológica clássica – como Durkheim, Weber, Pareto, Wright-Mills, Simmel entre outros – e também um caldo de cultura revolucionário baseado na tradição da luta política pela transformação da sociedade e vinculado às Ciências Sociais na medida

em que interpretam as contradições de suas realidades nacionais dentro da totalidade capitalista, com vistas a transformá-las.

Nos anos 1980, ele assume também o papel de publicista, inspirado na prática desenvolvida por Lenin muitos anos antes na Rússia. Ele escreve com regularidade para a grande imprensa até o fim da vida, muitos destes textos depois seriam coligidos e dariam origem a vários livros entre os quais podemos mencionar *Que tipo de república?*, *A contestação necessária*, *Em busca do socialismo*. Segundo Heloísa Fernandes (2009), esse foi o espaço que ele encontrou para enfrentar a já agonizante ditadura e para expor sua interpretação do Brasil para públicos mais amplos, diz Florestan:

No fundo, cada artigo surgia como se eu estivesse escrevendo cartas aos leitores, largando a pele de sociólogo em troca do papel de publicista, agarrado com tenacidade às causas das classes oprimidas, à ótica socialista da luta de classes e à difusão da desobediência civil como patamar inicial de uma revolução democrática de cunho proletário e popular (Fernandes, 2007, p. 23 *apud* Fernandes, 2009, p. 41).

Ele colocou em prática essa proposta de desobediência civil de diversas maneiras, desde cursos para o movimento estudantil universitário até sua atuação como parlamentar em dois mandatos: primeiro como deputado constituinte, depois como deputado federal. A defesa da educação pública bem como a questão racial são dois temas centrais de Florestan nesse espaço, sempre de um ponto de vista socialista revolucionário, como ele gostava de dizer.

3 Rotação de perspectiva

Ao procurar elaborar uma resposta intelectual para o golpe de 1964, Florestan procura “iluminar o processamento da contra-revolução (sua natureza, seus ritmos,

sua funcionalidade e sua mesma viabilidade) [...] [que] re-dimensiona globalmente a orientação do seu pensamento” (Netto, 2004, p. 208). Seguindo coerente com o seu estilo de reflexão, tal como identificado por Ianni (2004), é o próprio objeto a ser analisado, no caso a contrarrevolução burguesa, que traz a necessidade de calibrar o seu instrumental teórico. Colocando-se a tarefa de analisar os acontecimentos “a quente”, ele opera uma mudança em seu pensamento. Assim, o eixo da reflexão de Florestan passa a ser dirigido e organizado pela teoria social desenvolvida por K. Marx e F. Engels, que embora não lhe fosse estranha convivência sem diferenciação com outras matrizes teóricas. A partir daqui Marx passa a ser seu modelo analítico-explicativo e a crítica da Economia Política aparece como fundamental para desvendar a estrutura e a dinâmica do capitalismo dependente e da contrarrevolução burguesa. Ademais, a compreensão da processualidade histórica tomada como totalidade, ou da história em processo, lhe permitirá compreender as relações e contradições que se desenvolvem ao longo da história da formação social brasileira (Netto, 2004). Deixa-se de lado, aqui, o “ecletismo bem temperado” do sociólogo e as construções teóricas elaboradas por outras correntes teóricas são incorporadas em sua análise sempre a partir dessa lente, dessa ótica comunista, como ele mesmo gostava de chamar.

A teoria, aqui, para Florestan é pensada nos mesmos termos de Marx, que consiste na “reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa” (Netto, 2011, p. 21) e nesse sentido, “a recuperação categorial marxista não resulta de um exercício intelectual: ele se opera no tratamento concreto do material histórico” (Netto, 2004, p. 213); ou seja, é o próprio movimento da realidade e o seu compromisso não só com a compreensão dela, mas sobretudo com a sua transformação, que o levam a elevar a eixo organizador do seu pensamento a teoria de Marx. Expressa-se, mais uma vez, a especificidade de Florestan não apenas como intelectual, mas como

um intelectual comprometido com “os de baixo” e a partir daqui, empenhado diretamente em contribuir na construção da consciência de classe revolucionária.

A partir da análise da (contra)revolução burguesa em seus diversos aspectos, Florestan desvela as relações das classes sociais no Brasil ao longo da história, principalmente, a manutenção do padrão de dominação que se mantém desde a colônia, com as adaptações e “modernizações” necessárias para que ele não se rompa; a estrutura e a dinâmica da consolidação capitalista, de forma dependente, que demonstra as especificidades da formação social brasileira e da maneira de agir de suas classes e lhe permite caracterizar a burguesia brasileira como submissa às burguesias dos centros imperialistas, intolerante com os de baixo. São essas contradições próprias ao capitalismo brasileiro que lhe possibilitam vislumbrar a possibilidade e necessidade histórica da revolução proletária como resposta das classes sociais subalternas à autocracia burguesa. A revolução não é apenas uma petição de princípio ou uma mera referência teórica, ela ganha corpo, na teoria de Brasil de Florestan, a partir da análise da realidade, do processo “a quente”.

A forma mais acabada disso é *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Já tangenciamos em linhas bem gerais e amplas o tema tal como tratado por Florestan nessa obra e gostaríamos de destacar a articulação do capitalismo dependente à consolidação da autocracia burguesa. Foge aos propósitos deste texto uma discussão detida acerca das categorias elaboradas por Florestan, nesse sentido, a síntese de Miriam Limoeiro Cardoso é bastante precisa ao tratar desta relação:

[...] se a expropriação do trabalho é o fundamento do capitalismo enquanto modo de produção, a democracia burguesa também é essencial para o funcionamento do modo de produção capitalista e o controle das suas crises. Na especificidade dependente do capitalismo, porém, o seu fundamento é drasticamente

exagerado, convertendo-se em sobre-expropriação, ao que corresponde a também drástica redução da democracia que o acompanha, que se restringe ao ponto de uma democracia de iguais.

Deste modo, o capitalismo dependente se concretiza através de sobre-expropriação e de autocracia, caracterizando o que Florestan Fernandes denomina capitalismo selvagem. Conjuga crescimento econômico dependente com miséria e exclusão despóticas [...] (Cardoso, s/d, p. 5).

A especificidade do desenvolvimento do capitalismo no Brasil em sua forma dependente remonta à dinâmica de dominação de classes fundada no escravismo, perpetuada pelas oligarquias agrárias pós-abolição que, por sua vez, se coligarão com os setores burgueses que surgem no século XX. São vários os elementos e matizes que compõem esse processo histórico, entre eles podemos destacar os conflitos e combinações entre arcaico e moderno ou o horizonte cultural oligárquico e o *ethos burguês* que vão se intrincando na composição do caráter dessa burguesia brasileira. É marcante, nesse sentido, o comportamento sociopático com relação a mudanças, do que decorre, não sem mediações é claro, a incapacidade de admitirem ou aturarem reformas próprias da revolução burguesa clássica ou “revoluções dentro da ordem”, constituindo assim um processo de “revoluções interrompidas”. Ou seja, a especificidade do capitalismo brasileiro é que ele se consolida independentemente da reforma agrária, da reforma urbana, da democracia e o faz por meio do Estado numa perspectiva autocrática. Nesse sentido, o capitalismo brasileiro se dá em “circuito fechado” de subordinação às burguesias centrais e de sobre-expropriação e esmagamento das classes trabalhadoras interna. Assim, não há, na perspectiva de Florestan, tarefas burguesas em atraso, as chamadas revoluções dentro da ordem só podem ser concretizadas pelas classes trabalhadoras organizadas no processo da revolução proletária em avanço (Fernandes, 2018), pois não há espaço para um alargamento da ordem burguesa.

Boa parte dessas formulações estão presentes na terceira parte de *A revolução burguesa no Brasil* e nas produções posteriores de Florestan. Mencionamos anteriormente que essa obra começou a ser redigida em 1966, as duas primeiras partes, e foi finalizada em 1974, sendo a última parte redigida a partir de 1973, depois da experiência do exílio, bastante dramática e penosa.

É nesse período que ele se dedica a “estudar a revolução socialista na Rússia, China e Cuba” (Fernandes, 2009, p. 39), o que o ajudou a concluir pela necessidade da revolução proletária no Brasil e na América Latina. Ele volta do Canadá, em 1972, e fica isolado em sua casa, em sua “gaiola de ouro” devido ao clima de repressão por parte da ditadura (Fernandes, 2009). De volta do exílio, ele se dedica a estudar toda a obra de Lenin, que será central para a sua vida intelectual dali para diante na construção da terceira parte de *A revolução burguesa no Brasil*, por exemplo e na já mencionada categoria da autocracia, utilizada pelo revolucionário russo para caracterizar o tsarismo e também pela teoria do imperialismo.

Florestan passa a pensar Marx sobretudo como “teórico da revolução [...] A recuperação do referencial marxiano e marxista é inteiramente saturada pela recuperação da categoria de revolução: toda a articulação teórica de Florestan está cristalizada pela absoluta centralidade conferida à revolução proletária” (Netto, 2004, p. 217-218). Nessa perspectiva, é a reflexão política de Lenin que passa a dirigir a produção teórica do último Florestan. Sua principal preocupação é a “da constituição da consciência de classe revolucionária, da construção da vanguarda (partido) e da galvanização, por ela, da massa proletária. Numa palavra, são os problemas concernentes à constituição do sujeito revolucionário proletário”. (Netto, 2004, p. 218). O papel de publicista por ele assumido desempenhará um importante papel na batalha de ideias que assume a partir dos anos 1980.

Em um ensaio sobre Lenin, Florestan destaca que a perspectiva revolucionária e a vinculação com um

movimento real contra a ordem estabelecida eram fundamentais para conseguir captar o movimento do real, diz ele:

Em Lenin temos, portanto, uma combinação em profundidade da ciência social com o movimento socialista revolucionário. Isso não produz uma variante pura e simples da 'ciência política'. O movimento socialista livrava Lenin do condicionamento institucional que bloqueia a pesquisa científica e o pensamento científico no mundo acadêmico e universitário. A 'ciência burguesa' não pode ir além da ordem existente (e, em alguns casos isolados, das revoluções dentro da ordem) em virtude desse bloqueio. Contudo, o tipo de análise política que o movimento socialista impunha era uma expressão direta de sua própria orientação revolucionária [...] Apoderando-se da ciência, o movimento socialista colima a transformação revolucionária da sociedade burguesa (e não o crescimento puro e simples do 'edifício da ciência' (Fernandes, 2012, p. 253).

Para nós, essa é também a perspectiva que Florestan assume a partir do momento em que orienta sua atividade intelectual para a constituição da consciência de classe. Sua produção de conhecimento é voltada para a construção de força social revolucionária, isto é, a sua teoria tem como objetivo a revolução brasileira. Evidentemente, Florestan sabia que o sucesso ou não disso estava relacionado à correlação entre as forças sociais em confronto, da luta de classes, pois para ele, retomando Marx, "o critério de verificação da verdade, na pesquisa histórica, estaria na ação" (Fernandes, 2012, p. 23). Nesse sentido, ele afirma:

[...] Para atingir seus alvos, o conhecimento político produzido precisa ser aceito, reconhecido como verdadeiro e absorvido pelas massas, para em seguida manifestar-se através do seu comportamento coletivo [...] A massa não aparece apenas como objeto e consumidora presumível: ela se define como único agente que pode decidir, em termos finais, se haverá a vitória

de uma revolução (ou de uma contrarrevolução). Temos aí todo um rol de requisitos que situam a natureza do conhecimento político, sua forma, propagação e meios de verificação numa relação direta com a prática política propriamente dita (e não com os requisitos do conhecimento científico formal) (Fernandes, 2012, p. 254-255).

Ainda nesse bojo, é necessário agregar o papel da organização da vanguarda da classe trabalhadora em partido com a capacidade de dirigir e organizar todo o povo em direção ao socialismo, citando o próprio Lenin ele recorda:

[...] Educando o partido operário, o marxismo educa uma vanguarda do proletariado capaz de tomar o poder e de *conduzir todo o povo* ao socialismo, de dirigir e organizar um regime novo, de ser o educador, o guia e o líder de todos os trabalhadores e explorados pela organização de sua vida social, sem a burguesia e contra a burguesia (Lenin, *apud* Fernandes, 2012, p. 260).

Conclusão

Florestan tinha consciência do seu lugar de intelectual e sabia, lembrando Marx, que as ideias se transformam em arma de combate quando as massas se apoderam delas, que o “socialismo revolucionário não gera milagres”. É nessa perspectiva que ele compreende sua tarefa teórico-prática: “Trata-se de converter a teoria em força cultural e política (ou em ‘força real’), fazendo-se com que ela opere a ‘partir de dentro’ e ‘através’ de ações concretas de grupos, classes sociais ou conglomerados de classes” (Fernandes, 1980a). Seu empenho é todo dedicado à “[...] conquista da maturidade política pelas classes trabalhadoras” à “socialização socialista dos quadros, bases e das massas” (Fernandes, *apud* Netto, 2004, p. 221).

O legado de Florestan vai além da sua inestimável contribuição teórica que, como vimos, é imprescindível

para entender o Brasil e fundamental para a revolução brasileira. Ele faz-se presente também na coerência de classe deste homem, cuja trajetória poderia bem servir de modelo à meritocracia, como um exemplo do *self made man*, que tendo origens muito pobres conseguiu alcançar o topo da carreira universitária como professor catedrático; no entanto, nunca abandonou a perspectiva dos de baixo. Em uma das suas últimas entrevistas afirma que a coisa mais difícil que fez “foi permanecer fiel à minha classe de origem” (Fernandes, 1997, p. 240).

Mas seu legado faz-se presente, principalmente, no lutador do povo que nos deixa a lição a ser seguida por todo aquele que, assim como ele, está empenhado em destruir a ordem burguesa e inaugurar uma sociedade não mais fundada na exploração do ser humano pelo ser humano, mas uma em que o “livre desenvolvimento de cada um é o pressuposto do livre desenvolvimento de todos” (Marx & Engels, 2008, p. 46).

Tal como Florestan, devemos levar a cabo as três tarefas centrais do militante, elencadas por ele e que devem soar constantemente em nossos ouvidos e estar presente na nossa prática: “Não se deixar cooptar, não se deixar esmagar e trazer conquistas para o povo”.

Referências

Candido, A. (1987). Amizade com Florestan. In M. A. D’Incao (Org.), *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes* (pp. 31-39). São Paulo/Rio de Janeiro: Unesp/Paz e Terra.

Candido, A. (2001). *Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Cardoso, M. L. (s.d.). Capitalismo dependente, autocracia burguesa e revolução social em Florestan Fernandes. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.iea.usp.br/artigos>

Cerqueira, L. (2005). *Florestan Fernandes: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular.

Cohn, G. (1987). O ecletismo bem temperado. In M. A. D'Incao (Org.), *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes* (pp. 48-53). São Paulo/Rio de Janeiro: Unesp/Paz e Terra.

Coutinho, C. N. (2011). Marxismo e imagem do Brasil em Florestan Fernandes. In *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas* (pp. 221-240). São Paulo: Expressão Popular.

D'Incao, M. A. (1987). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Unesp/Paz e Terra.

Escola Nacional Florestan Fernandes. (2009). *Cadernos de estudos ENFF: O legado de Florestan Fernandes* (n. 4). São Paulo: ENFF.

Fernandes, F. (1980a). *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática.

Fernandes, F. (1980b). A pessoa e o político. In *Nova Escrita: ensaio* (Ano IV, n. 8). São Paulo: Ensaio.

Fernandes, F. (1994). Ciências sociais: na ótica do intelectual militante. *Estudos Avançados*, 8(22), 123-138. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300011

Fernandes, F. (1997). Entrevista Paulo de Tarso Venceslau. In *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo.

Fernandes, F. (2006). *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo.

Fernandes, F. (2009). *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. São Paulo: Global.

Fernandes, F. (2010). *Circuito fechado: quatro ensaios sobre o "poder institucional"*. São Paulo: Globo.

Fernandes, F. (2012). *Marx, Engels, Lenin: a história em processo*. São Paulo: Expressão Popular.

Fernandes, F. (2015). *A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários*. São Paulo: Expressão Popular.

Fernandes, F. (2017). *Significado do protesto negro*. São Paulo: Expressão Popular.

Fernandes, F. (2018). *O que é revolução*. São Paulo: Expressão Popular.

Fernandes, H. (2009). Florestan Fernandes, um sociólogo socialista. In *Cadernos de estudos da ENFF 4: O legado de Florestan Fernandes* (pp. 29-54). São Paulo: Escola Nacional Florestan Fernandes.

Ianni, O. (2004). *Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante*. São Paulo: Expressão Popular.

Leher, R. (2020). Universidade brasileira: reforma ou revolução? Atualidade de uma obra fundamental. In F. Fernandes, *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* (pp. 11-29). São Paulo: Expressão Popular.

Marx, K., & Engels, F. (2008). *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular.

Marx, K., & Engels, F. (2009). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo.

Martinez, P. H. (2006). História política do Brasil e análise de classes. In F. Fernandes, *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo*. São Paulo: Globo.

Netto, J. P. (2004). Florestan Fernandes: uma recuperação marxista da categoria revolução. In J. P. Netto, *Marxismo impenitente*. São Paulo: Cortez.

Netto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.

Prado Jr., C. (2011). *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

Sacchetta, V. (2004). De Vicente a Florestan. In O. Ianni, *Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante*. São Paulo: Expressão Popular.

Sereza, H. C. (2005). *Florestan: a inteligência militante*. São Paulo: Boitempo.